

Impedida de viajar

Impedida de viajar, restam-me as memórias dos lugares que me ficaram no coração e os livros e as canções.

Sobre a viagem a Lanzarote, escrevi, em "Memórias de uma Professora", 2009:

No Verão de 2003, sentindo-me confusa e perdida, decidi fazer uma espécie de peregrinação à ilha onde vive o meu escritor favorito – José Saramago. Aqui deixo algumas das minhas notas da viagem.

No avião: Alguém, cujo nome não recordo, escreveu, um dia, que apreciava nos outros o tempo/espço que lhe deixava para sonhar. Esta frase deu-me muito que pensar e acho que foi ela que me trouxe a Lanzarote – precisava, justamente, de tempo e de espaço para reflectir, para sonhar, para fazer o balanço de quase meio século.

Porquê Lanzarote? Para além de ser o local onde habita o escritor que mais admiro (mesmo que não se encontre lá, decerto sentirei a sua presença), as descrições que li do local levaram-me a pensar que se trata do sítio ideal para estar comigo própria, para descansar, para pensar sem pressas ou mesmo para deixar de pensar, deixando o subconsciente fazer o seu trabalho, enfim, para me reencontrar. Uma paisagem vulcânica, ainda que, por agora, só imaginada, remete-me para o princípio e o fim de tudo, para a génese e o apocalipse, para o mais simples e o mais misterioso da vida.

“Gran Tour” – As palavras são insuficientes para descrever a beleza magnífica da ilha. Perante tal grandiosidade, esfumam-se as nossas pequenas angústias existenciais – não somos mais do que um pequeno pedaço de natureza; não pensar – apenas sentirmo-nos integrados nela. Bom, é impossível não pensar, pois tudo à nossa volta é altamente inspirador. E, como escreveu a escritora Lya Luft, no seu magnífico livro intitulado “Pensar é Transgredir”, “reflectir é transgredir a ordem do superficial que nos pressiona tanto”. Por vezes, não consegui reter as lágrimas: ao percorrer o parque nacional, de autocarro, ouvindo música que parecia provir da terra; ao sentir-me repleta de calma e inundada pela beleza dos Jameos del Agua, ao som de música experimental; ao beber o mar, com os olhos e a alma, do ponto mais alto da ilha. Foi-nos explicado pelo guia que, durante anos, erupções permanentes construíram esta paisagem, sem que houvesse mortes humanas (quase inacreditável!). No Parque Nacional, assistimos a demonstrações da temperatura do solo, que permite cozinhar, apenas a alguns centímetros de profundidade.

Coincidência: ao chegar ao hotel, li no Diário II dos Cadernos de Lanzarote, de José Saramago, que, há precisamente nove anos, o escritor, acompanhado por alguns amigos, revisitou os Jameos e esteve também no Mirador del Rio, para ver a ilha Graciosa, o que, no entanto, não foi possível, devido ao que ele referiu como «uma nuvem branca e espessa que cobria totalmente o braço de mar que separa as duas ilhas»; e, há nove anos e cinco dias, visitaram também o Charco de los Clicos, a lagoa verde que hoje fotografei.

Está uma lua cheia fulgurante, o que, como é habitual, me dificulta o sono, pelo que vou passar grande parte da noite a continuar a ler o Diário. Saramago questionava-se sobre a quebra de intimidade causada pelos Cadernos. Mas depois tranquilizou-se com o comentário de Juan Cruz, que dissera: “Os Cadernos são como a tua sombra.” E Saramago escreveu: “O que os Cadernos mostram é só um contorno. O resto, o interior, é sombra, e sombra vai continuar a ser.”

Humildemente, com as devidas distâncias, também eu agora reflecto: Sombras são igualmente estas minhas memórias; o mais profundo em mim talvez nem tenha eu ainda descoberto; na maior parte do tempo, reina mais uma certa nebulosidade interior do que clarividência. Será bom que me lembre sempre de como me senti nesta viagem: pequeníssima partícula do Universo. O que não me impede de ter vontade de soltar a voz, para desejar que, neste mundo onde imperam os princípios do capitalismo e um consumismo absurdo, que apenas beneficiam as grandes potências e sacrificam os mais pobres e o ambiente, uma qualquer mudança milagrosa salve o planeta e a humanidade.

Quero falar do gatinho que me tem seguido e se tem deitado debaixo do meu cadeirão, na piscina. Faço-lhe festas e ronrona ternamente; depois, parece estar a pedir mais. Escolheu-me entre centenas de hóspedes e isso faz com que me sinta boa pessoa, o que será, talvez, a única coisa que vale a pena ser. Se o que existe de mais semelhante à felicidade só se pode encontrar dentro de nós, então o que alguns bichos me fazem sentir é uma parte significativa dessa felicidade.

Despedida: Encheram-me a alma as paisagens deslumbrantes de Lanzarote, agrestes e sequiosas, com pequenos oásis. (Para ser totalmente honesta, terei de admitir que o facto de cá viver o Escritor pode ter-me influenciado). Se não fosse pelas pessoas que amo, sobretudo a minha mãe, e, claro, pela minha profissão, creio que não teria de pensar muito para decidir cá viver, de tal forma me sinto identificada com esta terra – a minha vida tem sido um pouco como ela: sequiosa de paz e de ternura, com alguns oásis pelo caminho. É por esses oásis que vale a pena estar viva. E não será assim com a maior parte das vidas? Parto com lágrimas nos olhos. Este é, decididamente, o meu lugar de eleição, e viverei um grande momento de felicidade se acontecer a improbabilidade de vir a encontrar outro que o relegue para segundo plano. Lanço um derradeiro olhar à piscina, onde se banham, felizes, crianças encantadoras, e o meu último pensamento é uma utopia: uma piscina gigantesca e límpida, onde pudessem banhar-se todas as crianças do mundo.